



CONSEJO GENERAL PLENARIO
AUTEUIL: 1-20 Febrero 2026

MENSAJE DE APERTURA



Rumo a uma Congregação/Províncias mais sinodais: nosso caminho a seguir
“Todas nós somos pedras de fundação.” Santa Maria Eugênia
“Cada irmã é responsável por criar na comunidade um clima de discernimento”
(Regra de Vida, 32)

Queridas irmãs,

Dou a todas as boas-vindas a este Conselho Geral Plenário 2026. É uma bênção começar nosso caminho neste quarto domingo do Tempo Comum, onde a Palavra de Deus nos lembra que seu poder se manifesta frequentemente em nossa fraqueza. A primeira e a segunda leitura falam-nos da escolha que Deus faz dos pobres e dos humildes (Sof 2,3; 3,12–13; 1 Cor 1,26–31), enquanto as Bem-aventuranças, no Evangelho de Mateus, proclamam que o Reino dos Céus pertence aos pobres de espírito (Mt 5,3). Em conjunto, essas leituras nos convidam a experimentar o **poder de Deus em nossa pobreza e vulnerabilidade**, proporcionando-nos uma perspectiva bíblica para nossa reflexão e discernimento neste CGP 2026.

Este é o nosso primeiro CGP após o Capítulo Geral de 2024, e estou muito feliz por me dirigir a vocês nesta manhã. O tema escolhido para o CGP 2026 sugere um caminho a seguir para nos tornarmos uma **Congregação mais sinodal**. Mesmo essa visão não é um destino final, mas uma encruzilhada: inquietante, desafiadora e silenciosamente transformadora. Sinto uma sensação de transição, de estar entre dois momentos: a certeza dando lugar à adaptabilidade, a autoridade passando de centralizada para distribuída, e um movimento que vai das periferias para o centro e vice-versa. Todas concordamos com isso: as habilidades necessárias hoje em dia não são o domínio de um padrão de vida seguro, protegido e sem surpresas, mas a aptidão para aprender, desaprender e reaprender novas formas de ser religiosa.

Neste caminho, somos encorajadas pela nossa **rica espiritualidade e tradições**. A visão de Santa Maria Eugênia (ou seja, “Todas somos pedras fundamentais”), nossa Regra de Vida (ou seja, “Cada irmã é responsável por criar na comunidade um clima de discernimento”), a sabedoria vivida da história de nossa Congregação e o dom cotidiano da vida comunitária nos proporcionam uma base sólida e vivificante. Esses recursos continuam a nos formar cuidadosamente na humildade, no discernimento, na abertura de coração e na responsabilidade compartilhada, convidando-nos a confiar no Espírito que age entre nós.

As conclusões recolhidas de uma breve pesquisa realizada aos membros do CGP 2026, juntamente com a experiência de ouvir as irmãs de todas as províncias (especialmente durante as visitas canônicas), revelam um **desejo sincero e profundo de crescimento e renovação**. Muitas irmãs expressam um desejo sincero de caminhar mais juntas, de ouvir com atenção, de compartilhar responsabilidades e de dar espaço a todas as vozes, especialmente aquelas que, com muita frequência, não são ouvidas nem visíveis.

Também estamos cientes de que, se quisermos tornar esse sonho realidade, devemos enfrentar os seguintes **desafios**: (i) A resistência pessoal que se experimenta ao passar de uma liderança hierárquica para uma participativa e baseada no discernimento, que enfrenta hábitos e práticas profundamente arraigados. (ii) Suposições errôneas, pois interpretamos mal a sinodalidade, identificando-a com um processo puramente democrático no qual as decisões são tomadas por

maioria. (iii) Impaciência diante da lentidão do processo, pois a sinodalidade requer uma escuta profunda e a integração de múltiplas perspectivas. Isso pode ser incômodo para aqueles que buscam resultados imediatos. (iv) É essencial encontrar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade, pois líderes e membros caminham juntos em um espírito de acompanhamento mútuo. Somos convidados a guiar sem impor nossas próprias ideias e perspectivas. Queremos que todos assumam sua responsabilidade pessoal, respeitando ao mesmo tempo o espaço e a liberdade pessoais.

Estamos ansiosos pela sessão com o Pe. David McCallum, SJ, sobre **A Liderança que Discerne** para sermos Comunidades, Províncias e Congregação Sinodais. Esperamos aprender o processo (teoria e prática da liderança capaz de discernir) e entrar em um processo de maior sinodalidade, que nos sirva de fonte de inspiração em nosso caminho juntas, relendo nossas experiências, abordando nossas preocupações e planejando juntas o futuro.

Uma das prioridades do CG 2024 era “manter viva a chama de **uma vida consagrada alegre e plena**”. No entanto, essa chama está seriamente ameaçada quando continuam a vir à tona entre nós abusos de poder, tanto espirituais quanto sexuais e econômicos. Neste contexto, sinto-me obrigada a levantar questões urgentes sobre o número crescente de casos desse tipo. Ouvir as irmãs e reconhecer a realidade desses abusos dentro de nossas próprias comunidades é, às vezes, profundamente perturbador e doloroso.

Estou profundamente grata pelo fato de a congregação ter dado o passo vital e louvável de desenvolver e ratificar uma **Política de Proteção**. Isso reflete um compromisso genuíno com o cuidado, a responsabilidade e a renovação. Ao mesmo tempo, uma política ganha vida realmente através da forma como se traduz em nossas práticas diárias e em nossas estruturas organizacionais. O convite permanente é esclarecer, colocar em prática com coragem e aplicar de forma coerente esta política em todas as nossas comunidades e províncias. Esta política pode tornar-se não apenas uma declaração de intenções, mas também um instrumento vivo de conversão pessoal e mudança estrutural duradoura, se a prestação de contas for sistemática e a transparência for praticada.

O Conselho de Assunção Juntos: Outra preocupação que merece nossa atenção especial é nosso sonho compartilhado de colaborar com nossos leigos na missão de uma maneira qualitativamente diferente. Embora cada província siga seu próprio caminho, moldado por necessidades e experiências distintas, afirmamos coletivamente a importância dessa colaboração em nível de Congregação e estabelecemos um Conselho da Assunção Juntos, composto por dezenove membros, para colocar em prática a decisão do CG 2024. No entanto, às vezes, nossa prática corre o risco de não estar à altura de nossa visão. As frequentes mudanças na composição do Conselho e a falta de participação regular nas reuniões prejudicam a continuidade, o discernimento compartilhado e a prestação de contas. Esses desafios são agravados pelas barreiras linguísticas e pelas diferenças de interesses, formação e experiência entre os membros.

O Conselho Geral: Os últimos dezoito meses foram um período de dificuldades e desafios diversos. Estou muito grata aos membros do meu conselho por terem assumido com tanta generosidade as suas responsabilidades e terem dado o melhor de si mesmas enquanto reorganizávamos a vida e a missão do Conselho Geral. O que antes era gerido por sete irmãs, agora é gerido por cinco, uma vez que assumimos as funções de Ecônoma Geral e Secretária Geral. Continuamos buscando o modo de vida mais adequado e equilibrado para nós.

Em seu discurso de encerramento da primeira sessão do Consistório Extraordinário celebrado no Vaticano em janeiro de 2026, o **Papa Leão XIV** desafiou os participantes com duas perguntas penetrantes: “Há espaço para aquilo que nasce? Amamos e anunciamos um Deus que põe em caminho?”. Em seguida, convidou-os a «viver uma experiência da **novidade** da Igreja».1 Estas palavras encorajam fortemente a continuar discernindo e abrindo novos caminhos para o Conselho Geral e a Congregação.

Até agora, concentrei-me no caminho interior da Congregação e nas oportunidades e responsabilidades que moldam a nossa vida consagrada. A partir daí, somos agora convidadas a alargar os nossos horizontes e a dirigir o nosso coração para o **mundo atual** em que vivemos e

servimos. Fazemos isso com seriedade e humildade, conscientes dos desafios que se nos apresentam, sustentadas por uma esperança vigilante enraizada na presença transformadora de Deus em nossa história. Neste contexto, surgem duas realidades urgentes que exigem nosso cuidadoso discernimento.

Em primeiro lugar, estamos testemunhando uma **escalada alarmante de guerras, conflitos armados, violência e violações dos direitos humanos** em muitas regiões. O exemplo mais recente é o ataque dos Estados Unidos à Venezuela, cujas repercussões já se fazem sentir em todo o mundo (por exemplo, na Colômbia, no México, em Cuba, no Irã e na Groenlândia). O presidente Trump está a utilizar diferentes estratégias: poder militar, sanções, tarifas e a ameaça de anexação.² A normalização do sofrimento de civis inocentes, migrantes e refugiados interpela-nos. Até mesmo o fluxo constante de notícias — ameaças de intervenção militar, ataques em retaliação e posicionamentos políticos — revela um mundo cada vez mais moldado pelo medo e pela força, em vez da justiça e da paz. Como religiosas e cidadãs responsáveis, somos chamadas a ser artífices da paz e da justiça, voz dos que não têm voz e amigas dos deslocados, feridos e traumatizados pelos conflitos e abusos.

Em segundo lugar, estamos no limiar de uma profunda transformação tecnológica. A rápida expansão da **inteligência artificial (IA)** está remodelando nossa maneira de trabalhar, nos comunicar, decidir e até mesmo nossa maneira de entender o que significa ser humano. Essas ferramentas trazem promessas imensas, mas também sérios riscos de exclusão, manipulação e aprofundamento da desigualdade. A tecnologia nunca é neutra; ela reflete os valores daqueles que a utilizam. A questão que se coloca não é se a IA configurará nosso futuro, mas se o fará de forma a respeitar a dignidade humana e servir ao bem comum.

Permitam-me concluir minhas reflexões com estas seis perguntas:

1. Como podemos viver este tempo de transição ou incerteza de uma maneira mais significativa? Como podemos crescer, com sabedoria e criatividade, até nos tornarmos uma Congregação verdadeiramente sinodal, tanto através da renovação espiritual quanto da reforma estrutural?
2. Como podemos ajudar a construir comunidades nas quais as irmãs se sintam seguras para dizer a verdade, ouvir profundamente umas às outras e assumir responsabilidades compartilhadas, de modo que a dignidade e a sacralidade de todas as pessoas envolvidas nas comunidades e nos locais de missão sejam respeitadas e protegidas?
3. Dado que trabalhar com leigos na missão é realmente parte do que somos e do que somos chamadas a fazer, como podemos promover esse compromisso? Como podemos proporcionar a formação, a estabilidade e as estruturas necessárias para que essa colaboração seja real e sustentável?
4. Como o Conselho Geral pode ser reestruturado e repensado para melhor servir à sua missão de maneira sustentável, equilibrada e vivificante?
5. Como nos preparamos, pessoalmente e em comunidade, para responder com compaixão, coragem e sabedoria às feridas causadas pela guerra e pelos conflitos sociais?
6. E, por último, como discernimos o uso responsável e criativo da inteligência artificial para nossa vida e nossa missão? Como podemos aproveitar essas tecnologias emergentes para promover nosso chamado à justiça, à paz e à integridade da criação?

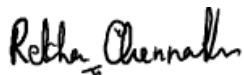
1 Os temas escolhidos pelo Consistório foram Sinodalidade e Missão, o que indica a orientação da Igreja para os próximos anos.

2 Aprecio a postura profética e as declarações corajosas da LCWR e da CLAR, bem como os pequenos e significativos passos dados por nossas irmãs.

Essas inquietações e perguntas são convites a uma conversão mais profunda, a um testemunho profético e a uma confiança renovada de que o Espírito continua guiando a Congregação em um mundo frágil e em rápida transformação. Que a visão de Santa Maria Eugênia nos ilumine em nosso caminho!

Com um profundo sentimento de alegria e esperança, uma imensa gratidão ao meu conselho e a cada uma de vocês, e em comunhão com cada irmã da Congregação, declaro aberto o Conselho Plenário Geral 2026. Que nossas deliberações e reflexões nos impulsionem para frente com renovada paixão e uma comunhão mais profunda, enquanto servimos à missão de Deus no segundo quarto do século XXI.

Que Deus abençoe nosso caminho à frente!



Rekha M. Chennattu, RA
Hermana General³

Auteuil, 1 de fevereiro de 2026

³ Inspirada pela voz interior, mudei a denominação de Superiora para Irmã. Espero e rezo para que essa mudança de linguagem nos ajude a ser mais sinodais em nossas atitudes e perspectivas.